



COROLÁRIO

Edu Silva

Curadoria Mario Gioia

LUI
SMA
LUF

GALERIA DE ARTE

COROLÁRIO

O artista paulistano Edu Silva produz com persistência no campo pictórico – ou seja, pinturas que podem ser tanto os quadros bidimensionais que representam faz muito a linguagem, mas também experiências algo arriscadas da linguagem pelo espaço, como os inéditos objetos-cubo que apresenta em Corolário, a primeira individual na Luis Maluf Galeria. Grosso modo, o título da mostra se refere a um pensamento ou consequência derivado de uma premissa, de uma ideia anterior.

Longe de uma concepção apenas formal, realçar a pesquisa ininterrupta, dentro de uma disciplina diária, de um fazer costumeiro, joga luzes sobre o corpus de obra do artista. Os campos de cor em embates constantes, por sobre as superfícies ora lisas, ora permeáveis, se mesclam em processos por vezes mais lentos e, já sobre o chassi, podem manifestar cores mais fortes que traçam sua robustez via delimitações de ordem gráfica. Tanto em escalas generosas como em tamanhos 'de câmara', as linhas configuram territórios, arquipélagos, continentes e topologias de cores, planos e volumes que se desdobram à maneira de cartografias poéticas a serviço de uma visualidade movediça e não conformada.

Algumas séries, no entanto, exasperam o que poderia ser um tom apenas harmônico. Por meio de procedimentos e construções formais, a poética de Silva vai conjugando elementos que, já por meio de outra camada de leitura, se conectam com a sua condição de artista egresso das periferias e que discute a questão racial no Brasil.

Em um país que esconde o passado escravocrata violento e de marcada desigualdade social, a criação de Resistências (2019), em que papelão numa coloração kraft bastante comum é disposto junto de um mármore polido, em peça de ar construtivo, provoca outras leituras que não apenas as da visualidade. Há também pinturas em que áreas algo bege, algo ocre, se aproximam de rasgos por conta

das bordas feitas mais irregularmente. Em outros, a nobreza do linho escapa de mero receptáculo das tintas e se torna cor não apenas de fundo. Em 1979 (2019), objetos escapam da bidimensionalidade em caixas de vidro que abrigam diminutos círculos de um pardo opaco. A cada movimentação, um novo dispor. Série que, em conjunto com outras parecidas, coloca a investigação do artista a serviço de discussões atuais bastante pungentes.

A memória é outro vetor relevante em Corolário. Os objetos-cubo, intitulados Entre (2022), que se filiam ao tridimensional e também a um pictórico mais expandido podem se ligar à infância do artista, perto do pai marmorista, em momentos lúdicos – e não só, estabelecendo elos com a tensão de crises identitárias. E, se nos detivermos numa visada sobre as pinturas stricto sensu, tintas, texturas e matérias que ocupam, desenham e se espalham parecem também demarcar trajetórias, estabelecer percursos, atestar processos e instantes de jornadas alongadas ou rotineiras. Antes de ser designer e artista, ele trabalhou em diversos empregos distantes de onde morava – num só exemplo, das cercanias de Embu para a Faria Lima todos os dias. Assim, deslocamento é um conceito central na produção de Edu Silva, que, por isso, aproxima o seu fazer de práticas contemporâneas de pares.

Olhares acurados e não óbvios a partir da particular matéria poética de Edu Silva, que, lidando com habilidade entre a contenção e a expansão, a delimitação e a insurgência, o demarcar e o espalhar, o anonimato e a autoralidade, consegue, de modo brilhante, suplantar as paisagens intermediárias que golpeiam e vêm de encontro a nós com rapidez assustadora.

Mario Gioia
Curador

